

Meu caro Milton, embora te tenha mandado duas traduções de artigos para Me: kur, não respondi verdadeiramente a várias cartas tuas. Por duas razões: (stavamos viajando, (Suíça, Austria, Italia), e você me parecia driblar positivamente os assuntos, tais como descobertas chinesas, subjetividade na historiografia, (e as implicações hegelianas decorrentes), engajamento enquanto desonestidade etc. Mas agora me proponho a te responder aos dois pontos, nos quais o nosso desacordo me parece mais flagrante. Honestidade: enquanto categoria epistemológica me parece inteiramente inadequada. É verdade: há cientistas desonestos, (falseiam dados observados, estatísticas, pintam rates, corrompem editores de jornais científicos etc.). Mas isto não é aspecto da ciência, mas de toda atividade humana. É como se você quizesse elevar a honestidade em categoria filosófica, teológica, artística, técnica sei lá. De forma que tua proposta de substituir a categoria "objetividade" por "honestidade" me parece enganada. Em compensação o termo "honestidade" que era categoria ética, (o oposto de "mentira" ou "hipocrisia"), ficou descreditado na época vitoriana. A "mulher honesta" passou a ser aquela que não engana o marido por não assumir seus desejos, e o "comerciante honesto" passou a ser aquele que rouba dentro dos limites que a lei permite. Eis a razão porque o pensamento existencial propuz a substituir "honestidade" por "autenticidade", o que modificou o significado da coisa. Passou a significar mais ou menos: tentativa de assumir-se para modificar-se. Eis a sutil diferença: se sou honesto, admito que sou ladrão, (ou burgues, ou judeu, ou homossexual), e "prometo de deixar de sê-lo". Se sou autêntico, admito tudo isto e decido de sê-lo à outrance para passar a ser outra coisa. Gené é deste exemplo: é ladrão, homossexual, etc. com tal intensidade que dá o "salto qualitativo". Pois se aplico "autenticidade" no sentido por ti proposto à atividade científica, verifico que atualmente não pode haver cientista autêntico, porque a atitude científica, (manto branco, pesquisa pura, consciência limpa, bomba limpa etc.), é a própria inautenticidade. De forma que para ser cientista honesto atualmente é preciso ser saudável, e isto, sim é um dos problemas da crise da ciência atualmente. Terrorista: Utilizo o termo em sentido mais estrito e mais amplo. Em sentido amplo, quero significar todo aquele quem não mais vive, age, pensa e julga dentro do parâmetro das regras fundamentais que vigoraram no Ocidente desde que existe. Portanto não os "infringe": está no além delas. Mais ou menos como o superhomem Nietzscheano, só que atualmente sabemos muito mais a respeito dele que no tempo de Nietzsche. Por exemplo: os nazistas não eram terroristas, porque agiam de má fé, (eram "rebanho" nietzscheano), mas alguns aspectos do movimento feminista, da liberação das drogas, do action theater e action painting, das famílias-fraternidades, do "underground" californiano, são "terroristas" em tal sentido amplo, e uma das suas manifestações mais características é o grito "l'imagination au pouvoir" em maio 68. A

última parte do meu trabalho "Mutações" é dedicada à tentativa de captar tal "terrorismo" pela análise de vários gestos, por exemplo: o de filmar, e de fazer fita video, ou o de andar em motocicleta. Mas é claro: proponho o termo "terrorismo" para designar esta maneira de ser e agir, não apenas porque tudo que é nôvo é terrível, ("ent-setzlich"), mas também porque o termo vem sendo utilizado atualmente em sentido mais restrito para designar um nôvo tipo de comportamento político. Ai quero introduzir a questão do uso autêntico e inautêntico de termo. Em sistemas fechados, nos quais o aparelho reprime manifestações de oposição violenta, o termo "terrorista" não deve ser aplicado aos revoltados, mas aos repressores. Por exemplo: não os raptadores de aviões na Alemanha Oriental, mas a policia da Alemanha oriental é "terrorista". Mas em sistemas abertos, os quais legitimam oposição violenta, (como na Alemanha Ocidental), os movimentos que se querem outlaw a despeito da possível legitimidade são corretamente chamados "terroristas". Assim os raptadores de aviões na Alemanha Ocidental, mas não na Oriental, são terroristas. E ai surge a pergunta realmente fundamental: porque há terrorismo precisamente nas sociedades atualmente mais abertas, e especialmente na Italia, no Japão, na Alemanha Ocidental e, embrionicamente, na Holanda e Inglaterra? Porque explicações à base de categorias tradicionais, (econômicas, sociais, psicológicas), não satisfazem. Suspeito que o problema ainda não foi estudado a fundo, mas que revelará o surgimento de toda uma nova forma de vida quando feito. Se soubermos como se formam e como funcionam as Brigate rosse, como são ligadas às Fraktion Rote Arme e as organizações japonezas, saberemos muito a respeito de uma tendência que talvez tenha função na atualidade comparável com a função dos paleocristãos em Roma. E se considerarmos que tais grupos estão ligados com os ditos "movimentos de libertação no terceiro mundo", (palestinos, tchadianos, iranianos, latino-americanos, negros americanos, até soviéticos subterrâneos como em Khirgizstan os quais, por certo, não são "terroristas autênticos", teremos certamente muito a repensar. A tentativa da esquerda de considerar tais movimentos como "anarquistas" é ridiculamente simplista: nada há em comum entre o assassinato do Rei Paulo da Jugoslávia e o rapimento de More. Talvez o paralelo romane ajude: tais movimentos libertadores são para os terroristas o que os germanos eram para os cristãos judeus e gregos. De modo que também no sentido restrito o termo "terrorista" é muito interessante.

Meu caro Milton: sinto nas tuas últimas cartas certa tendência para passar por cima daquilo que penso, como se fosse leviandade. Você me culpa de "falta de originalidade", e, embora não julgue a originalidade coisa desejável, (conheço teoria de informação bem demais para crêr isto), acho que você está cometendo erro: meu perigo é precisamente excesso de originalidade, ("ruído"). A tua tentativa de agarrar-se às categorias tradicionais em roupagem original, (fazer da reação aparência do nôvo), me parece muito mais apropriada que a minha desesperada busca de chão no abismo. Abraços